

Roberto Scerpella¹

*Por Carlos Cesar Marques Frausino (SPBsb, Brasil) Juan Pinetta (APA, Argentina),
Maria Julia Ardito (SPP, Peru), Martha Patricia Infante Fernández (SOCOLPSI, Colômbia),
Lila Gómez (SPM, Argentina) e José Galeano (APdeA, Paraguai)
Diretoria Ocal (2014 – 2016)²*

“Poderia dizer que um analista só trabalha bem porque foi bem analisado e ponto.”

Psicólogo clínico, casado e com quatro filhas, Roberto Scerpella é psicanalista de crianças e pertence à Sociedade Peruana de Psicanálise, em Lima. Estivemos com ele em um domingo à tarde, um chá da tarde, como se realmente tivéssemos estado em uma conversa num café que, aparentemente, pouco teve de virtual. Foram duas horas via Skype, onde nos conhecemos, trocamos experiências e apontamos os desafios que nos aparecem em nossa contemporaneidade latino-americana.

Defensor do tripé analítico e da excelência na formação, está a favor das trocas necessárias para a continuidade de uma psicanálise que não converta em caricatura a experiência analítica. Assinala a necessidade de uma abertura da psicanálise ao social, ao cotidiano e ao político como forma de sair de um narcisismo solipsista que coloca em risco não somente as estruturas IPA, FEPAL, mas também a psicanálise. O “chá” começou com a curiosidade de Scerpella acerca do funcionamento da Ocal, onde nos comentou a ideia de uma maior integração dos candidatos às experiências inter-regionais dos membros, onde os primeiros, além de apresentar materiais clínicos, podem contribuir com suas inquietudes teóricas e conceituais.

Roberto Scerpella: Nesses dois anos, quero ampliar esses tipos de intercâmbios inter-regionais, na psicanálise de adultos. Em psicanálise de crianças, sempre têm participado analistas em formação nos encontros que eu tenho participado e tenho tratado de que existem duas coisas fundamentais, que sejam eles mais integrados

¹ Presidente da Federação Psicanalítica da América Latina – Fepal (2016-2018).

² Entrevista publicada na Revista Transformación (2016). Revista da Organização dos Candidatos da América Latina – Ocal. E-mail: robertoscerpella@gmail.com.

possíveis, que sejam incluídos os candidatos, não somente como apresentadores de trabalhos de material clínico, mas também com suas contribuições, inquietudes teóricas e conceituais, pois em geral se limitam a apresentar casos clínicos, que é um defeito de nossa formação; os jovens apresentam casos, entretanto, os mais velhos não o fazem.

Ocal: *Sim, é verdade!*

Ocal: *No início nos julgamos mal e depois nos tornamos conservadores.*

Scerpella: Quando viu o material clínico de um professor?

Ocal: *Um se expõe com maior ingenuidade, mas, depois, descobre que as resistências do paciente têm a ver com as resistências do próprio analista e então... assusta mais apresentar.*

Scerpella: Leram o trabalho de Kernberg sobre 30 formas de destruir a criatividade, originalidade e singularidade de um candidato? O que lê e se vê no espelho! E isso é universal nesta disciplina, pela forma como trabalhamos, pelo tipo de estrutura que tivemos e temos. Deveriam difundir. Em Lima, incluírei esse tema porque não é muito conhecido.

Ocal: *É toda uma questão da América Latina e da psicanálise, tem as diversidades regionais, geracionais, acadêmicas... O movimento e intercâmbio desses dois anos têm sido intensos na OCAL, vemos uma diversidade e me parece muito rico seguir nesta linha.*

Scerpella: Somos complexos e diversos, é muito difícil homogeneizarmos. Trata-se de reconhecer a diversidade, esse é um ponto muito importante. Os vejo bastante jovens, onde dá gosto, porque, na vez passada, no congresso no Chile, e o que fizeram coincidiu com o Encontro Interregional de Criança, em uma universidade. Ao chegar, eu pensei: “*Que lindo! Há um monte de gente jovem lá fora*”. E, quando começou o congresso, não vi nenhum deles ali dentro, todos éramos grisalhos e velhos. Isso deveria preocupar os analistas e vocês, como candidatos. Ou seja, por fazer conexões para além do próprio candidato, abrir a outras pessoas, senão não haverá troca.

Ocal: *Temos convidado muitas instituições, hospitais, residentes etc, justamente com a sensação de que essa é a forma de participar e atrair essas outras pessoas.*

Ocal: *Isto de sair, extramuros, somando-se a quem não é candidato, é um processo desses últimos quatro anos. E levaremos à Cartagena essa ideia.*

Scerpella: Me parece muito bom! É algo que descuidamos historicamente, fechando-nos em alguma crença meio narcísica, de que nos autoabastecemos e de que temos respostas para tudo. A realidade nos demonstra que não é assim! É necessária a interrelação com outras disciplinas e motivar pessoas jovens para que possam conhecer o benefício que a psicanálise pode dar com seu trabalho, inclusive aqueles que não são estritamente pacientes: assistentes sociais, educadores, enfermeiros etc. Daí alguns se

interessarão, mas tem que trabalhar nas instituições. Em alguns países da Europa, tem congressos somente para membros! Isso não deveria estar acontecendo! Karl Menninger dizia que a psicanálise deveria ser uma disciplina basicamente aplicada a pessoas que trabalham com pessoas, para potencializar o efeito da sanidade sobre a vida cultural, social de uma localidade.

Ocal: *Isso de pessoas trabalharem com pessoas é sensacional!*

Scerpella: Sim. Existe certa expectativa de que se não faz no consultório não faz psicanálise. Mas há pessoas que podem trabalhar em organizações, em empresas, usar a psicanálise como ferramenta no manejo de grupos, de temas de liderança. Então, por que tem congressos fechados nesta época que me parece que é uma via que não leva a nada? Não, temos que convidar as outras disciplinas.

Ocal: *Gostei de como você começou, com as “30 formas de destruir um candidato”. Agora, você fomentou uma revisão na formação psicanalítica dos candidatos, falou inclusive – em algumas questões institucionais – de flexibilizar exigências para o ingresso de candidatos e da formação para ser membro da IPA. Esta é a via ou existe outra?*

Scerpella: A formação deve ser rigorosa. Qual é o objetivo? Fundamentalmente que tenha como fim central e sério um trabalho profundo e pessoal do candidato. Se esse foco se perde se perde a excelência, fariamos uma caricatura do que é a experiência analítica. Para mim, a melhor análise didática é aquela que é terapêutica, não há diferença. Existem riscos porque tem pessoas que buscam mais uma profissão do que uma transformação pessoal. Devemos discriminar isso! Envolve duas pessoas em uma intimidade única; existem poucos espaços onde se alcance tal nível de intimidade transformadora e temos que estar dispostos a isso de verdade. E isso se pode alcançar vendo uma pessoa duas ou quatro vezes por semana. Não depende tanto da frequência, da formalidade, mas sim do compromisso. Porque se isso não acontece realmente vamos formar pessoas que estarão acreditando que fazem algo que realmente não estão em condições de fazer, nem consigo mesmo nem com o outro. Se me perguntarem se prefiro atender duas ou quatro vezes por semana, digo que prefiro quatro porque há uma diferença na profundidade do vínculo, na profundidade da regressão, da possibilidade da contenção de outra mente. Disso não tenho dúvidas! Mas, se você me disser que tem como fazer o mesmo com duas vezes por semana, acredito que se pode fazer dependendo do compromisso que tenha a dupla analítica.

Ocal: *Tem outra discussão associada a esse tema, em relação ao analista didata. Se é uma função ou se é algo vitalício.*

Scerpella: (sorri) O didata deve simplesmente poder fazer uma boa análise e ponto. Há muita coisa política em jogo. Por aí anda uma das razões de que falava Kernberg, porque há uma elite que é instaurada e uma quota de poder que não quer soltar. Ocorre, não se pode negar! Um didata é um analista que gosta de ensinar, formar,

contribuir na formação de outra pessoa. O único requisito que lhe poderia ser exigido – e nenhum outro requerimento – são anos de experiência após a formação porque, segundo minha experiência, ali recém começa seu verdadeiro caminho a transformar-se em analista. Passam anos até que se possa falar em função de sua própria voz, interioridade e singularidade, tendo se desprendido de identificações e de processos que se assimilou de sua formação, às vezes, não tão concordantes com seu próprio ser. Sei que em cada sociedade se luta para transformar as estruturas vigentes e que, cada vez que posso, faço algo em minha sociedade. Esperançosamente, acredito que algum dia se alcance que simplesmente qualquer analista possa ser didata, desde que seja eleito por um candidato e tenha certos anos de experiência. Todos os demais apenas sustentam elites de poder, o que não faz bem para a psicanálise.

Ocal: *Em relação à carta da IPA sobre o uso do Skype, no que você acredita serem as fronteiras do permitido no uso deste tipo de tecnologia? Até que ponto se pode deixar o corpo a corpo e em que ponto se pode utilizar a tecnologia?*

Scerpella: Se me permite eleger, prefiro o corpo a corpo porque o vínculo está muito mais além do que a palavra: os olhares etc. Tudo isso influencia muito na comunicação humana. Para mim, é muito difícil trabalhar com um paciente via Skype se não o conheço. Tenho trabalhado, mas com pacientes que conheço, então, provavelmente, em minha cabeça se ativa tudo que sei sobre eles e tudo que eu conheci ao vivo e diretamente, no corpo a corpo, como lhes disse. Parece-me que é para discutir na IPA que os analistas tenham uma semana intensiva ao mês. Mas, para mim, seria muito mais útil que tivesse uma frequência de quatro vezes por semana, ainda que seja por Skype e uma semana ou duas semanas ao mês, presenciais. Nesse caso, preferiria mil vezes o Skype pela continuidade do trabalho, do que se reunir com o candidato apenas uma vez por mês. Faz uma diferença ver os candidatos oito vezes, uma vez ao mês, e vê-los todos os dias de uma semana. São coisas muito distintas. Têm implicações sérias no processo!

Ocal: *O que pensa sobre a possibilidade de eleger um analista didata de outra associação?*

Scerpella: Sempre e quando são condições reconhecidas pela IPA, me parece algo que pode vir e ser aceito. São coisas que terão que vir, dada a mobilidade que está havendo. Conheço uma pessoa que está em formação na APA, uma pessoa jovem, que tem pedido permissão para fazer supervisão, em Lima, de seus casos, e acredito que permitiram.

Ocal: *Sim.*

Scerpella: Vão analisar via Skype, mas os casos serão vistos aqui. Isso facilita a mobilidade dos candidatos. Outra ideia é que alguns candidatos possam ter um intercâmbio pedagógico, educativo em outra sociedade, formando-se em tempo. E

que essa experiência lhes seja útil e válida em sua própria sociedade. No ILAP, há uma investigação em curso para ver a utilidade do Skype como ferramenta terapêutica válida. São coisas que vêm e não tem remédio melhor do que dar bons cursos.

Ocal: *Em diferentes encontros, temos tido a presença de aspirantes à formação, estão em grupos de estudos psicanalíticos (GEP) não aprovados ainda pela IPA, mas com seus acompanhamentos por sociedades da IPA. Não são reconhecidos para atividades e encontros da FEPAL, como, por exemplo, em San Luís (Argentina) e outros grupos no Brasil. São GEP que não estão dentro do ILAP, mas se estão aspirando uma aprovação desde a IPA para formação me parece interessante colocá-los em conhecimento para chegar à FEPAL e trabalhar. Na América Latina, não existem muitos aspirantes, mas, se estão se apresentando em lugares que não são epicentros, nos parece interessante que OCAL e FEPAL possam fazer um trabalho por essas pessoas que se interessam, mesmo que não sejam institutos ainda.*

Scerpella: Claro que o ILAP somente se pode aplicar nos países onde não há instituições psicanalíticas. Nada mais.

Ocal: *Exato!*

Scerpella: Na Colômbia, havia um... Mas digamos... Você trabalham com eles? Estão perto deles?

Ocal: *Sim, dependem neste momento da Sociedade e estão aprovados pela IPA porque os cobriam a SOCOLPSI e o ILAP, neste caso não podemos apoiá-los, portanto, se existem instituições colombianas aprovadas pela IPA e devemos ser responsáveis desses grupos, o que não ocorre em outros países. Mas acreditamos que estão criando grupos interessados pela psicanálise.*

Scerpella: Não, claro, no Peru, também tem um grupo, por exemplo.

Ocal: *Arequipa.*

Scerpella: Que tem vários anos já e que, ultimamente, voltou a ter contato, mas é a mesma sociedade. Teria que haver uma espécie de ILAP dentro da sociedade para poder dar formação a essas pessoas. No ILAP, em si mesmo, e pelo que pensa a IPA e porque a metade do dinheiro da IPA não permite. Querem somente que se invistam nos países onde não existam associações. Isso limita. Estive em uma discussão com um grupo que não quis que o ILAP o apoiasse. O tema é interessante em tempos onde as sociedades pensam em formas de poder atrair e dar formação para essas pessoas. Claro, eu imagino que, para isto, também é necessário que se modifique a forma das análises via Skype e esses tipos de coisas.

Ocal: *Claro, eu pensava concretamente em Arequipa, porque temos os convidado aos encontros, temos tido contato com eles, com elas, mas a verdade é como se faz análise com eles?*

Scerpella: Claro, teriam que fazer parte presencial, parte por Skype. Nesse caso, eu preferiria dar uma boa formação e que a sociedade pudesses programar que os analistas trabalhassem uma semana presencial, que pudessem viajar, e três semanas via Skype. Isso permitiria uma formação, um trabalho pessoal importante como requer um analista. Valeria a pena colocar em discussão para que cada sociedade pensasse como fazer com as pessoas de seus países, como a entrada dessas pessoas.

Ocal: *É importante que as tivéssemos em futuras administrações, gestões diretivas... Digo, com trabalhos.*

Scerpella: Agora... no Pré-Congresso da OCAL só apresentam trabalhos os membros da OCAL?

Ocal: *Abrimos a possibilidade de outras pessoas, pré-candidatos de instituições da IPA, ILAP, comentar os trabalhos de candidatos da OCAL. Vemos a necessidade de que, na FEPAL, sejam vistos como possíveis candidatos à IPA, que possam participar dos eventos da federação. Nós nos incluímos.*

Ocal: *Nas distintas jornadas da OCAL que temos realizado, tem se aproximado muitos profissionais da educação, do direito, da psicologia, da psiquiatria, ou seja, de distintas áreas.*

Scerpella: Se o trabalho tem qualidade e aponta algo, por que não? Ainda assim, não há dinheiro, porque, em geral, esses grupos geralmente têm problemas de dinheiro, inclusive recebê-los de graça. No encontro de Santiago do qual lhes falei, fizemos isso. Fizemos quando estive na Direção da Criança e do Adolescente, com a direção de Leopold Nozek. Fiz em Lima e São Pablo. Uma parte da jornada foi gratuita. Em Lima, fizemos um congresso, que organizei, convidando os alunos do último ano de psiquiatria, de psicologia, do serviço social e enfermagem das universidades públicas que não tinham recursos. Enviei-lhes um convite para que pudessem mandar seus alunos. Isto é preferível a não ter gente jovem. Obviamente, não vamos prejudicar a economia da instituição, mas se pode convocar as pessoas que não podem pagar e que estão realmente interessadas pela psicanálise... É um dos caminhos para abrir um pouco a instituição. Vocês podem fazer isso também.

Ocal: *Há uma equação complicada, porque as instituições estão empobrecendo no ingresso de dinheiro e há um crescimento de analistas didatas. Uma vez que se fala de flexibilizar condições de ingresso, como manter a qualidade da formação pelo tripé analítico sem perder qualidade? Você falava de comunicar melhor do que se trata na psicanálise, não sei se passa por aí a questão.*

Scerpella: É complexo. Talvez nos passe o que passou na Europa, exceto em alguns países, em dez anos não teremos ingressos na IPA para que ela possa sobreviver, segundo um estudo demográfico da IPA. Não há renovação e, literalmente, os ingressos

na IPA serão severamente empobrecidos pelos analistas que deixaram de fornecer. É mais complicado, acredito que tem a ver com toda a política do diálogo, da vinculação do analista com o externo, com a sociedade, com a cultura, com as outras disciplinas, neurociência, psiquiatria, psicologia e ciências sociais. Por aqui passa o problema: houve uma desconexão séria! Em Lima, em alta resistência, muitos profissionais não recomendam psicanálise, inclusive lhes dizem aos pacientes que a psicanálise faz mal, coisa que não se escutava antes. Em parte porque temos deixado de dialogar e de mostrar os benefícios da análise e o que fornece o resto dos profissionais. O problema econômico vem com seu próprio peso. Como diz meu amigo Jorge Bruce: “*Se nada mudar seremos uma espécie em extinção e é consequência disto, que não se conhece os benefícios, que fornece em concreto a análise a gente que trabalha com gente.*”

Ocal: *Em relação à formação de leigos, Brasil, Peru e Venezuela aceitam, entre outros, pessoas que não são psicólogos nem médicos. Como se resolve isso?*

Scerpella: Existem pessoas de outras disciplinas que perfeitamente podem trabalhar com psicanálise. Em Lima, aceitamos sociólogos, antropólogos, teólogos etc, que trabalham bem como psicanalistas. Porque a psicanálise tem a ver com a pessoa, não com a profissão de origem. O problema é que, em alguns países, se choca com a legalidade, então, as sociedades não podem ir mais além do que as leis dos países. Há uma limitação muito séria! Teriam que modificar as leis dos países, não as intenções dos psicanalistas. No Peru, temos a sorte de que se pode trabalhar a nível de psicoterapeutas, há um reconhecimento e que não requer estar associado a nenhuma profissão em específico. Então, pode-se formar um filósofo, um teólogo e estes podem trabalhar como psicoterapeutas sem infringir a lei... A coisa é complicada.

Ocal: *Charles Hanly foi presidente da IPA e era filósofo, o presidente anterior da IPA. E a pergunta foi feita a você, Roberto, por um economista. Carlos é economista.*

Ocal: *Sim, em Brasília, temos jornalistas, economistas, biólogos etc, uma plêiade de profissionais.*

Scerpella: Em geral, são pessoas que têm descoberto a análise em suas vidas e também têm essa capacidade de poder trabalhar com outra pessoa. Eu acredito que essa é uma condição suficiente para que alguém se dedique a este ofício. Mas, claro, o problema é que, em alguns lugares, se choca com a legalidade. Não há como mudar isso!

Ocal: *E como descobriu a psicanálise?*

Scerpella: A função analítica se leva nas veias. Acredito que isso se constrói nos primeiros vínculos e se não ocorre na análise é uma possibilidade de que se construa algo que não ocorreu. A pergunta “*Por que me acontece isto?*” se instala na primeira relação com a mãe. É uma identificação com a curiosidade e permanência do estado de interrogação que tem a mãe em relação ao que passa com seu bebê, é o que o bebê acaba

por internalizar, o faz se e o aplica ao outro. Meus pais dizem que eu os perguntava *por que* por tudo desde criança. E isso influencia nosso trabalho, é parte da singularidade intransferível que temos, é dizer que não pode haver analistas iguais, como dizia Saul Peña, porque não há duas pessoas iguais. A análise é uma experiência particular e fundamentalmente autobiográfica, desde Freud. Sou um produto nitidamente latino-americano, desde minha primeira educação, desde o colégio, universidade, pós universidade, da psicanálise de adultos e trabalhei muitos anos com crianças. Sou um produto do que meus pais me ofereceram como formação. E a verdade é que tenho visto como me dá orgulho a formação que recebi. Meu sobrenome é italiano, mas é *um cantón* italiano na Suíça. Parte da minha família nunca quis tirar o passaporte suíço, meu pai é um deles e eu, tampouco. Tenho irmãos que os têm. Acredito que não se viva melhor em nenhum outro lugar do que aqui, é a minha sensação, do que em Lima, no Peru. E isso, eu acredito que segue sendo certo para cada um de nós. Então, minha formação é basicamente latino-americana, tenho também sangue indiano pelo lado da minha avó paterna. Mas, bem, sou consciente que nós temos tido uma educação básica muito europeia. Ou seja, na psicanálise. Agora, esta discussão é interessante porque a psicanálise que eu acredito é universal. Se alguém se pergunta se existe uma psicanálise latino-americana...

Ocal: *Isso era o que eu ia lhe perguntar?*

Scerpella: Olha, vi em uma revista da SPP que a porcentagem de autores latino-americanos citados é mínima. Acredito que isso ocorra em todas as revistas, é um indicador de que o pensamento psicanalítico é universal. Uma das coisas que tem sido mais criativa na psicanálise latino-americana é que um pode ter nascido em qualquer outro país e ter feito a mesma contribuição. Com isso não quero dizer que meu trabalho não esteja atravessado por minha cultura. Pensava outro dia enquanto lia o trabalho de Jorge Bruce sobre psicanálise *criolla* e os casos que ele apresentava. Existe realmente uma psicanálise *criolla* ou está psicanalisando um *criollo*? São duas coisas distintas. Acredito que deve haver uma pretensão universal de que nossa técnica, o instrumento, a ferramenta, não necessariamente estejam atravessados pela cultura. Às vezes, imagino a vida nas cavernas, não sei, os Cromañón, os primeiros *sapiens* e onde se deu o primeiro encontro entre alguém que sofre e alguém que ajuda... Isso poderia fazer sentido em qualquer parte do mundo. Há algo básico em nosso trabalho que transcende a cultura. Mas estamos totalmente atravessados e podemos repetir uma narrativa que só tem valor para aquela circunstância histórica e espacial que estou vivendo. Aconteceu com Freud e acontece conosco, é diferente trabalhar na Colômbia, no Peru, no Brasil, no México. Mas há algo essencial que é universal e é necessário que a psicanálise esteja implicada na cultura. É importante deixar livre para que cada sociedade decida o tema em função de algo que se está vivendo em sua cidade, em seu país etc... Como algo singular. Essa é a única forma que poderemos articular de verdade como nosso meio sociocultural.

Por exemplo, em Lima teve um escândalo com uma comunidade religiosa muito tradicional com acusações de maltrato sexual com seus membros. E foi a primeira vez que a sociedade peruana fez algo no interior da sociedade tomando diretamente esta temática que está atravessada na sociedade. É a única forma que temos realmente de poder ser reconhecidos como alguém que diz algo que é valioso, que tem um sentido para a comunidade. Acredito que esse trabalho também é fundamental e isso transcende nosso trabalho no consultório.

Ocal: *Claro!*

Scerpella: É absolutamente imprescindível fazê-lo, é dizer, reconhecer os temas. Por exemplo, eu escutava o tema do Congresso Europeu: o pai, a autoridade. E pensava que bem faria um tema assim para pensar todos os temas que temos com a corrupção no nível de todos os presidentes da América Latina, que é uma coisa realmente muito danosa para gente. Ou seja, a gente não acredita em nada, então, acreditamos que é um tema fundamental que teríamos que falar, pensar, discutir...

Ocal: *Eu lembrei que quando nasceu a psicanálise o tema tabu era a questão da sexualidade. Hoje estamos com a pornografia, a hipersexualidade, sem vínculo etc. Mas as instituições psicanalíticas não parecem abordar questões da realidade política. Acredita que é tabu falar da realidade política?*

Scerpella: Acredito que se tem medo!

Ocal: *O atribui a que?*

Scerpella: Podem haver muitas razões, não sei se há um temor a quê, ou seja, nunca tinha pensado também. Mas acredito que há certa inibição para poder opinar. No Peru, acredito que só um analista escreve em periódicos. Acredito que faz parte do efeito de ficarmos enclausurados, mas, então, encontro uma primeira explicação e me retiro... Olhar a realidade como se estivéssemos um pouco à margem da realidade e pudéssemos simplesmente olhá-la para explicá-la. É uma posição que nos tem dado muitos danos, nos tem tirado do social e do cultural. Como se fôssemos um ente que está além do bem e do mal. Podem ter fatores até, pensando mal, de conveniência econômica, pode ser, metidos aqui também, o medo de ser visto como alguém radical ou algo que vá limitar seu trabalho como analista. Prejuízos em julgar e ser julgado, na inibição que há em se envolver na questão pública e política. Mas há temas que são indispensáveis falar: o trato e a escravidão de crianças, o comércio sexual com adolescentes, que, em Lima, existem, e não se diz nada sobre temas de corrupção. Aqui há tarefa para fazer.

Ocal: *Os modelos padrões para formação da IPA são suficientes para formação latino-americana ou nos faz falta pensarmos em outro tipo de formação fora desses três modelos? Levando em conta nossa cultura.*

Scerpella: Dos três modelos dois se aplicam à América Latina, pois, até onde eu sei, o francês não é seguido por nenhuma sociedade, não é?! O modelo inglês e o modelo uruguaio, que, na essência, têm o mesmo tripé analítico com algumas variantes nos termos dos casos clínicos dos candidatos e horas de análise. Em Lima, para os casos clínicos são aceitos dois casos que tenham frequência de três vezes por semana, porque é também uma adequação à realidade. Não adianta eu querer trabalhar cinco vezes por semana, mas eu estarei trabalhando sozinho em meu consultório, não terei nenhum paciente, não é verdade?! Conhecem Rudy, um analista que se tornou humorista?

Ocal: *Ah, na Argentina.*

Scerpella: Sim, tem um caso excepcional que ele narra, de um analista que só via seu paciente uma vez, mas conta uma história de oito meses de tratamento, é muito engraçado. Acredito que ele percebeu essa coisa tão estúpida que temos que falar de um paciente, que nunca foi a um consultório mais que uma vez. Temos que explicar o que se passou em todas as sessões, como se realmente tivesse ido e na realidade estamos delirando sozinhos. Temos que ter um paciente aqui deitado, de carne e osso porque, se não, a realidade é que cada vez menos pessoas querem ter uma experiência de três, quatro, cinco vezes por semana, está realmente muito difícil. Já te olham com essa cara. A pessoa tem que estar muito mal para que aceite vir, esta é minha experiência.

Ocal: *Ainda mais pela questão econômica, a questão econômica em nosso país é séria.*

Scerpella: Claro que sim! Agora, um escuta que pode mudar o modelo, fazer o quê? Porque os três eixos são fundamentais. Da análise, é indiscutível, não posso dizer: “sou analista porque eu mesmo me nomeei como analista.” Isso me parece uma idiotice total. Ter uma experiência analítica em uma relação assimétrica, que é porque há uma demanda de alívio de um sofrimento é uma matriz que não se pode remover. É dizer que poderia haver um analista que só trabalha bem porque foi bem analisado e ponto, não?! Parece que a técnica é muito fácil, mas é complexa. Não pode haver um analista não tenha sido bem analisado. Isso pode ser algo que ocorra, três, duas, quatro vezes por semana. Eu acredito que sim, como lhes dizia, enquanto não se perder a seriedade e a intenção dessas duas pessoas. Eu acredito que os seminários podem flexibilizar. No Peru, temos bons cursos. Gostaria que houvesse mais seminários livres e que os próprios candidatos pudessem organizar as áreas que lhes interessam. Vejo candidatos que estão em formação e em análise comigo e chegam preocupados porque não podem ler tudo que lhes mandam. Essa é uma das 30 formas de destruir um candidato. Pedindo-lhe que leia toneladas de leituras de um dia para o outro. Sentem que estão cumprindo, mas que estão fazendo uma má formação. Em minha experiência, o que tenho a dizer é: “*Foque no que lhe interessa, no que lhe desperta e no que você acredita e, por aí, dá-lhe. Esse será o seu caminho, nada poderá preencher esse conhecimento.*” Então, se flexibilizar a parte

dos seminários, mais orientados e que sejam mais escolhidos pelo próprio candidato, de repente, algum tema no último ano ou no último ano e meio, apenas um tema que o próprio candidato escolha.

Ocal: *Estilo APA, na Associação Psicanalítica Argentina?*

Scerpella: Na APA, tem os seminários livres, não?! Mas, digamos que, no último ano, no último ano e meio, possa se dedicar a um tema que lhe interesse bastante. Um ano, um ano inteiro... Isso me encantaria que fosse assim.

Ocal: *Sim, seria interessante.*

Ocal: *Como trabalho de investigação?*

Scerpella: Na realidade não há uma psicanálise. É uma árvore que deu frutos: maçãs, bananas, peras. Uma variedade enorme, cada um muito diferente do outro. Não há uma psicanálise e não pode fazê-la. Nem mesmo Freud é um exemplo disso. Se existe algo que caracterize sua evolução é o permanente questionamento e a permanente mudança sobre o que ele pensava das coisas. Isso é o que define nossa tarefa. Então, em relação aos seminários, eu gostaria de algo desse tipo, menos escolarizado.

Ocal: *Menos universitário.*

Scerpella: Sim, é algo que eu gostaria, pois, em última instância, somos artesãos. Posso transmitir a um aluno, mas é impossível que ele seja e faça as coisas como eu. É impossível, o artesão fará as coisas de sua maneira. E isso não é ruim, a singularidade é essencial ao ser humano. Somos únicos desde o físico até o mental. Isso era o que eu gostaria que ocorresse na formação. As supervisões são necessárias também. Não imagino minha formação sem a contenção oferecida pelo supervisor durante tanto tempo, alguém que não seja imposto, uma supervisão totalmente livre, onde não se comunique nada a ninguém, igual a análise. Que não haja interferência de terceiros por nenhuma via. É fundamental termos supervisões no início. Quantas é algo que pode ser discutido, que existam variantes, que se possa escolher os supervisores de outros países são coisas interessantíssimas. Então, agregar algo mais!

Ocal: *A quarta parte, a relação entre pares.*

Scerpella: E a quinta seria com a comunidade, fazer trabalhos comunitários. O trabalho com pares é fundamental, o intercâmbio clínico com os amigos, com os iguais assim como é fundamental a supervisão. A qual também é uma relação assimétrica, que se é saudável, não tem porque ameaçar a liberdade nem do supervisor, nem do candidato. Quando não é saudável pode ser algo vertical e gerar ressentimentos. Existem casos notáveis onde o supervisor acredita que é dono do candidato. Uma relação assimétrica sã permite a liberdade de ambos os membros não terem porque serem autoritários, que não destruam nada. Porque essa dimensão é fundamental na vida, a assimetria é parte

do humano, temos pais, avós, essas coisas geracionais são essenciais em cada um de nós. Então, não há como eliminá-las.

Ocal: *Você falou de partes básicas. Da quarta, na relação entre pares, passou para quinta, que é a relação com a comunidade. Eu falo que é uma coisa interessante.*

Scerpella: Sim, sim, é fundamental. Em Lima, se criou mais um membro na junta diretiva, o qual se chama Diretor das Relações Interinstitucionais. Será estreado na próxima Diretoria da Fepal, que irá se encarregar de fazer toda interconexão com as outras disciplinas, especialidades, instituições, comunidades etc. Com as quais também são necessárias a participação e integração. Há uma quinta dimensão.

Ocal: *O poder político estabelece, por exemplo, leis de acordo com o DSM, deixando a psicanálise de lado. Por isso, é importante estabelecer vínculos com os legisladores, políticos, que conheçam a psicanálise nos momentos em que a psicanálise vai sendo deixada de lado ou deixada de fora, não?!*

Scerpella: Nesse nível, já não estamos sendo recomendados, se vocês revisarem os livros de psiquiatria de 30 anos atrás verão que, em todos, aparece a psicanálise como uma alternativa terapêutica, afora já não aparece mais.

Ocal: *Não. E as instituições sociais também não apoiam. Se a lei está pedindo outro tipo de tratamento, como no caso do cognitivo comportamental para os autistas, por exemplo, as leis deixam explicitamente a psicanálise de fora. É um perigo! É um boicote!*

Scerpella: Mas essas leis estão aprovadas ou não?

Ocal: *Na Argentina, existe uma [lei] do autismo com os parâmetros do DSM. Existem muitos projetos como a lei da bipolaridade, ADD e TDH, todas avançando sim. A de autismo, se revisou e se aprovou algo moderado, mas a psicanálise caiu fora e estabelece-se, na regulamentação da lei, que a petulância é um dos indicadores de autismo, por exemplo.*

Scerpella: Isso é terrível!

Ocal: *No Brasil, existe outro problema muito particular: formação evangélica.*

Scerpella: Uma formação religiosa?

Ocal: *Sim, os psicanalistas evangélicos. É muito forte! E são milhares. Existe toda uma formação com análise, seminários, supervisões, tudo.*

Ocal: *O quarto pé seria a leitura da Bíblia.*

Scerpella: Agora, existem curas psicanalíticas, não?!

Ocal: *Ah, aqui tem uma psicóloga que cura gays.*

Ocal: *E agora se aceita na IPA.*

Scerpella: Vocês conhecem o livro “O umbigo e a voz”? É um livro francês, é de um psicanalista jesuíta francês.

Ocal: *Sim, Denis Vasse, lacaniano.*

Scerpella: Sim, agora claro, o respeito. Pode-se acreditar em Deus e sei lá o que... E ser um cientista também. Tudo cabe no vinhedo do Senhor, mas quando o assunto vem amarrado a um discurso fanático, a uma perspectiva fanática que querem impor e é o único ponto de vista, e os demais são o pecado ou não existem, me parece que é muito grave, seja qual for o terreno.

Ocal: *O nosso também pode ser muito intolerante.*

Scerpella: Claro, corremos o mesmo risco!

Ocal: *E obstruirmos a possibilidade de pensarmos.*

Scerpella: Assim, é claro, o pensamento fanático é um perigo potencial a cada um de nós, e, assim, eu também estou...

Ocal: *Eu tenho uma pergunta obrigatória.*

Scerpella: Aqui não há nada obrigatório, tem?

Ocal: *Já que você é um candidato à presidência da FEPAL, como levará adiante a relação com a próxima diretoria da OCAL, em relação a FEPAL – OCAL?*

Scerpella: Será como está sendo agora, ou seja, assim será. Como estamos conversando agora. Eu não acredito que tenha outra forma de encontro que não seja mais ou menos como o que estamos tendo.

Ocal: *E valoriza, digamos, a existência dos candidatos por fora... A organização OCAL com toda uma série de atividades que, por aqui, muitas vezes, fica fora da FEPAL?*

Scerpella: Sim, é o que falamos tem um tempo, de que pessoas que estão genuinamente interessadas na psicanálise, ao que se pode dar conta, com a ideia de que se beneficiem e possam ser parte no futuro da instituição. Aqui não vejo que tenha problema na verdade.

Ocal: *A América Latina terá a primeira mulher presidente da IPA e irá coincidir com uma possível presidência sua na FEPAL. Como vê isso?*

Scerpella: A conjuntura que coincidem as presidências da FEPAL e da IPA é favorável. Temos que tirar o máximo proveito possível para mudarmos as coisas que queremos fazer juntos. Que seja homem ou mulher não fará diferença nenhuma, a psicanálise está cada vez mais cheia de mulheres. Em geral, em todas as atividades da saúde, tem uma presença enorme da mulher, muito mais que os homens ultimamente. Não me estranha que uma mulher possa ascender a esses níveis e a esses cargos diretivos, que, supostamente, não eram imaginados somente para homens. É bom para

essas mudanças, o que falávamos antes, existe toda uma ideia em relação à integração da formação da criança e do adolescente, em uma formação integrada, todo um projeto que ela mesma está impulsionando. Na América Latina, tem várias pessoas que acreditam que isso seria muito importante porque abreviaria um pouco a formação, a faria menos desgastante. É uma coisa que pode fluir com o uso do Skype pelo ILAP. Pode ser algo que poderia ser falado com ela, que, de repente, está mais sensível à nossa realidade e a aprove.

O problema é que precisamos acreditar que as leis humanas são imutáveis e são só humanas. São criadas para algumas conjunturas, mas não tem por que serem eternas. Há um século se imaginaria que uma mulher lideraria uma instituição? Era algo impensável, não era um lugar para mulher. Agora é mais ou menos natural e esperado que uma mulher governe um país, mas não é garantia de algo em si, não se deve idealizar. Ademais, terá Sergio Nick, a quem conheço pessoalmente, trabalhamos juntos quando fui diretor de Criança e trabalhamos muito seriamente pela psicanálise. Acredito que formarão uma boa dupla na IPA. Objetivamente, não forma parte de IPA nenhuma federação. Há uma relação FEPAL – IPA, que se mantém em paralelo porque, em termos estruturais, não temos nenhuma participação. O que temos que fazer é que os representantes latino-americanos que estão no *border* da IPA levem um pouco da voz da FEPAL, não uma voz individual, porque se supõe que representam a América Latina. É algo que se começou a trabalhar e teremos que continuar.

Ocal: *Que novidade interessante, pois, se não entendi mal, tinham incluído a formação de criança e adolescente. Hoje é como uma parte, faz-se a formação em psicanálise e depois, se quiser, faz-se a especialização em criança.*

Scerpella: O assunto é fazer a formação integrada para que o analista formado como analista de adulto também esteja em condições de atender uma criança, se lhe atrair a especialidade, terão alguns cursos em paralelo, não havendo a formação exatamente. Normalmente, nós que atendemos criança temos uma formação maior. Isso precisa mudar, pois não é muito atrativo. Ou seja, nós temos tivemos nossa primeira formação em criança no Peru, mas a segunda não pôde começar porque não tinha pessoas suficientes para começar a formação.

Ocal: *Muito exigente!*

Scerpella: São dois ou três anos a mais, com gasto e sacrifícios bem pesados, em todos os níveis. Acredito que pode ser uma formação integrada, a questão é pensar bem e fazer uma coisa menos difícil para a especialidade de criança e adolescente.

Ocal: *Quais temas lhe parecem que a psicanálise deveria produzir atualmente?*

Scerpella: A clínica é fundamental. Mas o primeiro modelo, Freud pensou em uma técnica aplicada para todas as condições humanas que possibilitassem o campo

mental, mas a experiência lhe mostrou que não é assim. E mudou para o segundo modelo mais complexo e que inclui o outro e o fora. Mas a técnica acabou por construir, tarefa que temos adiante, e acredito que grande parte da discussão acerca do que fazemos ou não fazemos passa por construir uma técnica que se ajuste a um modelo de mente semelhante à segunda tópica, bem diferente da primeira. Se requer um processo de esclarecimento do que realmente estamos fazendo. As vezes o que se faz não é realmente o que se diz que faz. Isso tem que colocar sob o tapete e sobre essa base, construir uma ferramenta técnica mais adequada aos casos que estamos vendo, muito distintos dos que Freud descreveu: a problemática atual é a pergunta “quem sou” e “para onde vou”, são perguntas que vão além do “não me deixes” ou “tira-me esse sofrimento”. É outro tipo de pergunta que nos chega nas sessões. As bases estão em Freud, por isso o congresso que estamos organizando pensamos em dedicar à clínica fundamentalmente, pensar um pouco sobre a técnica, as ferramentas técnicas, o que fazemos realmente, o que se pode fazer... Não tem nome ainda, mas será totalmente clínico.

Ocal: *“A clínica”, ponto.*

Scerpella: Pode ser um lindo tema: A Clínica. Não há intimidade sem clínica e não há clínica sem intimidade, ou seja, vão juntos.

Ocal: *Obrigada, Roberto. E também agradeço ao grupo, do qual alguns talvez permaneçam na diretoria, para que haja continuidade.*

Scerpella: Tem que ter democracia, novos ares, mas tem áreas que requerem a experiência, se não perdem um ano completo para conhecer a área. Que tenha renovação, mas que fiquem pessoas que conheçam a área, se não se perde muito tempo. Outra ideia que me parece importante é que os suplentes trabalhem com os titulares.

Ocal: *Sim, também é essa a nossa proposta para incorporar.*

Ocal: *Estamos reformando o estatuto e terão suplentes e mais vogais, uma integração mais ativa.*

Ocal: *Foi muito generoso com seu tempo e queremos uma mensagem sua, do possível próximo presidente da FEPAL, aos candidatos e uma mensagem para nossa formação.*

Scerpella: Sigam trabalhando em vocês mesmos e nas transformações, esse é o eixo central. As outras questões caem com seu próprio peso, tudo que um puder fazer pelo outro requer primeiro que esteja em paz consigo mesmo e com suas energias livres, digamos, para presentear o mundo, esse objetivo nunca se pode perder. Quando vejo um candidato focado no fora, no externo, na instituição, na política...Upa! Não deixem nunca de lado o primeiro objetivo, que são vocês mesmos como pessoas, e acredito que essa é a melhor mensagem que me ocorre de lhes dar agora, não sou muito político, mas...

Ocal: *Estamos satisfeitos.*

Entrevista: Roberto Scerpella

Scerpella: Eu também, foi muito agradável falar com pessoas muito jovens, sempre é muito bom.

Tradução: Erika Reimann